

COLUNA

ESCREVIVÊNCIAS TRANS

Sobre mulheres que fazem a barba e outras representações transfemininas de fora dos padrões

Por Jojo Campos

De três em três dias, Nikki (22 anos, travesti) se preocupa em esconder o rosto atrás de uma máscara cor de rosa, mesmo após o fim da pandemia do COVID-19. O motivo? A barba está grande e ela não tem o que fazer. Não pode fazer a barba com muita frequência porque a pele é muito sensível e vive tendo problemas com foliculite. Outra opção seria a depilação a laser, mas o pacote de dez sessões é muito caro e não garante os resultados concretos. Ela não quer ficar toda falha igual a um cachorro com sarna. Os hormônios ao menos afinaram os pelos, mas ainda são bem visíveis. Isso ainda a incomoda muito... Sabe o que ela tem em comum com muitas outras? O peso da liberdade condicional de uma figura transfeminina dentro dos padrões binários. Um pelo saliente no rosto é motivo de vergonha, chacota e desprezo dentro da própria comunidade trans e pela própria população cis (principalmente os rapazes que adoram os seus serviços entre 7h da noite e 4h30 da manhã).



— Se eu passar uma base resolve? — Perguntou Soraya (25 anos, mulher trans) ao próprio espelho como se fosse a Rainha Má. Ela não aguenta mais a

marca acinzentada da sua barba, mesmo após raspar tudo com o aparelho de barbear.

— O creme depilatório não resolveu e ainda me deixou com reações alérgicas! — Charlie (20 anos, não-binária transfeminina) reclamou enquanto jogava o frasco de creme no cesto de lixo. Mais dinheiro jogado fora.

— Que droga! – Jordana (26 anos, mulher trans negra) se cortou com a lâmina de barbear. Ela ainda tem espinhas e uma pele tão sensível quanto a de Nikki. Ela pagou R\$ 25,00 (vinte e cinco reais) naquele aparelho medíocre cor de rosa.

Sinto muito pelo seu dinheiro, Jordana. Essas coisas acontecem. É tanta preocupação em não “parecer masculina” em nenhum traço que chega a adoecer a vida de muitas de nossas irmãs. É como se os nossos corpos fossem restritos à aprovação alheia com base no olhómetro daqueles que possuem atestado de (trans)feminilidade para distribuir somente às que “merecem” porque se esforçam. O esforço é tão grande que vale o preço da saúde, da autoestima, do bem-estar, da segurança e até da própria dignidade. O que a busca pela validação alheia não faz com uma mulher trans, uma travesti e uma pessoa transfeminina? Mas adivinha, tem uma bem ali que não tá nem aí pra isso.

— F**a-se! — disse Alyson (travesti não-binária, preta, 18 anos) após notar os pelos salientes espalhados pelo seu queixo e pelo seu bigode. Ela resolveu pintá-los de loiro com água oxigenada e pó descolorante. Só espero que não tenha ardido tanto.

Alyson se preocupa com a sua vida ao vivê-la de forma plena e autônoma, sem depender dos olhares de julgamento de ninguém. Isso não quer dizer que ela esteja blindada dos ataques e das ofensas. Ela só resolveu ligar o f**a-se para tudo isso. Se alguns “problemas” não podem ser resolvidos, por que não os ignorar? Afinal, a vida dos outros está tão cheia de preocupações com a vida dela. Se ela se importasse, talvez o cesto de roupa suja ainda estivesse lotado em sua lavanderia. Não haveria um dia de paz em seus trajetos pela cidade, nem mesmo um passo sem dor de cabeça por julgamentos e aflições. A barba cresceu sim, mas e daí? O que tem de errado? Mulheres trans podem ter barba. Travestis podem ter barba. Pessoas transfemininas podem ter barba. Não tem nada de errado nisso. Os pelos nascem naturalmente e nem sempre se moldam às expectativas frustradas de suas figuras. Aliás, uma cicatriz de corte de lâmina é pior e mais dolorosa do que um pelinho aqui e outro ali. Uma marca de alergia no rosto é bem mais preocupante do que uns fiapos espalhados. Eles só estão aí como se fossem algumas ervas daninhas na plantação. Só que, assim como a gente, elas também querem destaque. Elas também querem aparecer um pouco.

— E se eu tirasse alguns com a pinça e deixasse o restante? — Nikki teve uma outra ideia. Afinal, seus pelos mais fartos se escondem embaixo do queixo.

— E se eu deixasse como está? — Soraya passou a se preocupar mais com a própria saúde — Melhor tirar de quatro em quatro dias mesmo.

— Nunca mais eu uso esse troço! — Charlie tomou a decisão correta. Elu pode achar outros métodos mais seguros e acessíveis financeiramente.

— Vou tirar só uma vez e pronto. Chega de passar isso toda hora. — Jordana não quer mais transformar o momento de fazer barba em uma sessão de automutilação.

— Se eu tirar, tudo bem. Se eu não tirar, tudo bem também. — Alyson continua ligando o f**a-se para tudo isso.

Queria ser como a Alyson, mas me esforço diariamente para viver uma vida plena e despreocupada de desconfortos com o espelho. Se tenho uns pelos aqui e ali, é porque eles fazem parte de mim, da minha vida e da minha história. Mesmo que, algum dia, eu possa me livrar totalmente deles, ainda terei algumas lembranças de ter preparado a espuma e a lâmina de barbear. Isso uns minutos antes de ter me preocupado em escolher qual batom ficaria melhor para sair de casa. Talvez um que combine com o esmalte ou com os sapatos. Não sei. Ainda tem muito chão para correr.

— Meu batom! — Ele se quebrou ao cair no chão junto com o aparelho de barbear.

Ao menos, as máscaras descartáveis não estão mais em cima da cômoda. O meio ambiente agradece e o seu rostinho lindo, com ou sem pelos, também.

JOJO CAMPOS

Mulher trans, preta, educadora socioambiental, ponto focal do GT Cidades e Comunidades Sustentáveis do Engajamundo, integrante da Coalizão Feminista de Justiça Climática da ONU Mulheres, líder e orientadora do Mapa Educação, colunista e conselheira editorial da Revista África e Africanidades e embaixadora do Folhas Que Salvam. É discente do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP e bolsista Rede Movimentos Docentes e do Projeto TRANS-formação.